

## **Associação de Pequenos Produtores Rurais de Minduri: Um Exercício de Autogestão?**

**Dimitri Augusto da Cunha Toledo**, graduando em Ciências Econômicas (UFSJ) e membro da ITCP/UFSJ,  
dimitritoledo@hotmail.com;

**Ana Carolina Guerra**, mestranda pelo PPG da UFLA e membro da ITCP/UFSJ,  
anacarolguerra@yahoo.com.br;

**Benedito Anselmo Martins de Oliveira**, D.Sc., professor do DECAC – UFSJ, otideneb@ufsj.edu.br;

**Roberto Galvão de Brito Lira**, M.Sc., professor do DCECO – UFSJ, lira@ufsj.edu.br.

### **Abstract**

*This article is originating from of a project of monograph of course conclusion, that it has as proposal to show an economical-social-cultural alternative, through an analysis of the activities of the Associação Comunitária de Pequenos Produtores de Agricultura Familiar de Minduri- MANDURI. In this study tentatrar-if-the one to dialogue on solidary economy and self-management, using as reference the Associação Comunitária de Pequenos Produtores de Agricultura Familiar de Minduri, through the understanding and analysis of the administration practices and of the exercises of the beginnings of the solidary economy. Keywords: Solidary economy; Technological incubator of Popular Cooperatives; Academical extension.*

### **Resumo**

*Este artigo é oriundo de um projeto de monografia de conclusão de curso, que tem como proposta mostrar uma alternativa econômica-social-cultural, através de uma análise das atividades da Associação Comunitária de Pequenos Produtores Rurais de Minduri-MANDURI. Neste estudo tentatrar-se-a dialogar sobre economia solidária e autogestão, utilizando como referência a Associação Comunitária de Pequenos Produtores Rurais de Minduri, através da compreensão e análise das práticas de gestão e dos exercícios dos princípios da economia solidária.*

*Palavras-chave: Economia Solidária; Autogestão; Trabalho.*

### **1. Introdução**

A falta de emprego neste início de século desponta como um dos principais problemas das economias desenvolvidas e em desenvolvimento. Atualmente, o número de trabalhadores absorvidos pelo mercado de trabalho, é proporcionalmente inferior ao número de trabalhadores que compreendem a oferta de força de trabalho, como se pode observar pela crescente miséria nas cidades.

Assim, neste mundo capitalista e globalizado, o desenvolvimento da economia traz a intensificação da exclusão social, a diminuição de postos de trabalho formais e a marginalização de grandes parcelas da população do processo democrático. Dada essa conjuntura, a questão da geração de trabalho e renda vem se mostrando prioridade inadiável no debate da solução dos problemas econômicos e sociais enfrentados pelo país.

Neste contexto, uma "outra economia", a chamada Economia Solidária, tem se manifestado de várias maneiras. De acordo com ATLAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA (2005), quanto à forma de organização, os empreendimentos econômicos solidários estão distribuídos em: cooperativas, associações, grupos informais e outros. No Brasil, a maior parte desses empreendimentos está organizada sob a forma de associação (54%), sendo que metade (50%)

deles atua exclusivamente na área rural.

Uma dessas experiências é a Associação Comunitária de Pequenos Produtores Agricultura Familiar de Minduri – MANDURI que é constituída por pessoas que são oriundas do setor rural, mas que por dificuldades de sobrevivência, passaram a trabalhar em indústrias de laticínios e em olarias da cidade e da região. O processo de formação da Associação começou em 2000. No entanto, estas pessoas se viram desempregadas com o fechamento dessas fábricas. Como a cidade fica situada em uma região pequena e limitada economicamente, conseqüentemente, escassa de oportunidades de trabalho, estas pessoas ficaram excluídas do mercado de trabalho formal e sem meios de gerar renda para sustentar suas famílias. Foi a partir daí que se iniciaram os contatos com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São João Del Rei – ITCP/UFSJ. A necessidade desses trabalhadores de encontrarem alternativas de ocupação e geração de renda despertou a necessidade de se criar a Associação e de lutar pela conquista de uma faixa de terra que pudesse alojar todos eles e criar a possibilidade de voltarem a ser incluídos no sistema produtivo, distributivo e consumidor da economia local. Faixa de terra essa conquistada com a luta dos associados, parte através de pressão no poder público e parte através da arrecadação coletiva de recursos financeiros, oriundos de rifas e cota partes. A terra conquistada é administrada coletivamente.

Esta Associação encontra-se incubada pela ITCP/UFSJ, que consiste num projeto de extensão que visa trabalhar com o desenvolvimento da Economia Solidária, por meio da formação de trabalhadores, estudantes, profissionais e professores para a organização autogestionária, da incubação de empreendimentos de Economia Solidária.

Atualmente, a Associação possui uma usina de açúcar mascavo e rapadura, produzidos dentro de padrões orgânicos. Dentro do processo de fabricação e gestão da associação, contam com o apoio da Emater, através do escritório de Minduri, e ITCP/UFSJ. Além disto, a Associação organizou uma divisão das áreas da fazenda - que é de propriedade coletiva - e distribuiu lotes para atividades individuais de seus associados, mantendo uma área de produção coletiva, onde se cultiva cana-de-açúcar e milho. Nas áreas individuais, cada associado explora a atividade que lhe for interessante, por exemplo, criação de suínos, feijão, mandioca, criação de galinha caipira, etc.

A Associação, dentro dos princípios associativista, visa, além da produção de agricultura familiar, à melhoria das condições de trabalho, a geração de renda; buscando assim, o trabalho coletivo, formando e educando as famílias dos associados.

Experiências desse tipo têm sido analisadas em várias partes do Brasil, com o objetivo de mostrar uma alternativa a esse modelo sócio-econômico-cultural que exclui e, com isso, marginaliza a maior parte dos trabalhadores.

Este artigo é oriundo de um projeto de monografia de conclusão de curso, que tem como proposta mostrar uma alternativa, através de uma análise das atividades da Associação Comunitária de Pequenos Produtores de Agricultura Familiar de Minduri.

Neste estudo tentaremos dialogar sobre economia solidária e autogestão, utilizando como referência a Associação Comunitária de Pequenos Produtores de Agricultura Familiar de Minduri, através da compreensão e análise das práticas de gestão e dos exercícios dos princípios da economia solidária.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 Economia Solidária e Autogestão

A proposta da Economia Solidária surge da experiência prática de trabalhadores que ao longo da história, em diversos países, vêm procurando alternativas frente à desigualdade e à exclusão social produzidas pela competição e relações de subordinação características do Liberalismo e do atual estágio do capitalismo.

Alguns dos princípios da Economia Solidária segundo a Carta de Princípios do Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES (2005) são:

- A valorização social do trabalho humano,
- A satisfação plena das necessidades de todos como eixo da criatividade tecnológica e da atividade econômica,
- O reconhecimento do lugar fundamental da mulher e do feminino numa economia fundada na solidariedade,
- A busca de uma relação de intercâmbio respeitosa com a natureza, e
- Os valores da cooperação e da solidariedade.
- O valor central da economia solidária é o trabalho, o saber e a criatividade humanos e não o capital-dinheiro e sua propriedade sob quaisquer de suas formas.
- A Economia Solidária representa práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.
- A Economia Solidária busca a unidade entre produção e reprodução, evitando a contradição fundamental do sistema capitalista, que desenvolve a produtividade mas exclui crescentes setores de trabalhadores do acesso aos seus benefícios.
- A Economia Solidária busca outra qualidade de vida e de consumo, e isto requer a solidariedade entre os cidadãos do centro e os da periferia do sistema mundial.
- Para a Economia Solidária, a eficiência não pode limitar-se aos benefícios materiais de um empreendimento, mas se define também como eficiência social, em função da qualidade de vida e da felicidade de seus membros e, ao mesmo tempo, de todo o ecossistema.
- A Economia Solidária é um poderoso instrumento de combate à exclusão social, pois apresenta alternativa viável para a geração de trabalho e renda e para a satisfação direta das necessidades de todos, provando que é possível organizar a produção e a reprodução da sociedade de modo a eliminar as desigualdades materiais e difundir os valores da solidariedade humana.

Para SINGER e SOUZA (2000, p.13), *"Economia Solidária surge como um modo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, criado e recriado periodicamente pelos que se encontram (ou temem ficar) marginalizados do mercado de trabalho."*

O termo "autogestão" surgiu na década de 60 na França, mas a primeira experiência autogestionária é datada em época anterior. Segundo GUILLERM e BOURDET (1976), a palavra autogestão foi introduzida na França para designar a experiência político-econômico-social da Iugoslávia de Tito, em ruptura com o stalinismo, no sentido a um retorno ao marxismo autêntico. O objetivo maior da autogestão era a construção de uma sociedade sem classes como propunha Marx.

POUDHON definiu a autogestão como *"(...) a negação da burocracia e de sua heterogestão, que separa artificialmente uma categoria de dirigentes de uma categoria de dirigidos"* (MOTTA, 1981, p.166).

Para MANDELL (1977, p.44), a autogestão significa, em última análise, que serão os mesmos produtores que decidirão a amplitude de seu esforço e dos sacrifícios no consumo que estão dispostos a consentir, pelo tempo que seja necessário decidir sobre o emprego de recursos escassos.

Tendo-se como arcabouço as teorias acerca da economia solidária e da autogestão, torna-se necessário analisar até que ponto, nas práticas diárias da Associação dos Pequenos Produtores de Agricultura Familiar de Minduri, a teoria aplica-se. Para Tonet, lembrando Lênin, “[...] sem teoria revolucionária não há prática revolucionária.” (TONET, 2005: 5).

Isso se torna importante, uma vez que a economia solidária vai além das questões relativas ao mercado de trabalho como uma nova visão social. Sua forma de produção não-capitalista representa o início de uma revolução social e econômica ao enfatizar valores como solidariedade, cooperação e respeito mútuo, pouco experimentado no capitalismo.

### 3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos que nortearão essa pesquisa, que terá um caráter de pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, terão as seguintes técnicas de coleta de dados:

- Análise documental
- Observação
- Entrevista

Para OLIVEIRA (1996) a pesquisa qualitativa possibilita que se priorize os processos em relação ao resultado e é, com efeito o que leva GODOY (1995, p. 58) a dizer que, em relação à pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa *“de maneira diversa, não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise de dos dados. Parte de questões ou foco de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”*.

Esses procedimentos metodológicos serão, inicialmente, através de uma pesquisa bibliográfica sobre economia solidária e autogestão. Será feita uma busca por todo acervo bibliográfico possível acerca do tema da pesquisa, publicado em periódicos nacionais e internacionais, livros, dissertações, teses, anais de encontros científicos, em biblioteca convencional, dentre outros. Toda a bibliografia selecionada, pertinente ao tema de pesquisa será lida, fichada e sistematizada em forma de texto teórico. No segundo momento serão realizadas visitas (pesquisa de campo), a fim de colher dados, na Associação de Pequenos Produtores Rurais de Mindurí, realizando entrevistas semi-estruturadas com os associados, ex-associados e familiares, será realizada, também, uma análise documental em atas das reuniões, relatórios, estatuto, entre outros e, observação das reuniões e atividades da Associação.

Para OLIVEIRA (1996), a análise documental difere da Pesquisa Documental pela amplitude e especificidade que esta tem em contra partida ao grau de complementaridade que aquela, essencialmente, deve ter.

Para GOGOY (1995, p. 25), *“é importante ressaltar que a análise documental pode ser utilizada também como uma técnica complementar, validando e aprofundando dados obtidos por meio de entrevistas, questionários e observações”*.

Entendemos por observação a ferramenta que utiliza os sentidos com intuito de adquirir conhecimentos. Sendo esta atividade um elemento fundamental para a pesquisa, visto que auxilia desde a formulação do problema, a construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação de dados.

Compreendendo, assim, por *entrevista semi-estruturada* aquela que com questionamentos básicos, apoiados em teorias ou objetivos do estudo, oferecem amplo espaço de interrogativas, resultante do diálogo com os informantes. De frente a isso, as questões orientadoras da entrevista são elaboradas a priori e complementadas à medida que vão aparecendo mais informações, sejam secundárias ou primárias.

Com o intuito de atender ao objetivo geral e aos específicos, será feita uma revisão teórica acerca da autogestão e da economia solidária, afim de que seja analisado o estudo de caso proposto, juntamente com base nos documentos encontrados, nas observações e nas entrevistas semi-estruturada.

Para YIN (1994) compreende-se por *estudo de caso* uma pesquisa empírica investigativa, que consiste na utilização de um ou mais métodos quantitativos de recolha de informação e não segue uma linha rígida de investigação.

#### 4. Conclusão

Embora um balanço acerca da Economia Solidária, já nasce desatualizado, devido a sua dinâmica de atuação, pode-se afirmar que a economia solidária vem firmando sua identidade e por causa disso está em condições de se estruturar, em nível local, regional e nacional, como uma política pública consistente.

A economia solidária vem se desenvolvendo como um modelo alternativo à exploração do sistema capitalista, proporcionando mudanças culturais significativas nas relações de trabalho tradicionais, promovendo a emancipação de grupos até então excluídos. Nota-se, no entanto, a falta de apoio das bases de sustentação ou financiamento para um desenvolvimento mais efetivo deste modelo.

Apesar dessas limitações, é cada vez mais freqüente o aparecimento de empreendimentos autogestionários e solidários, como o caso da Associação apresentada neste artigo. Esta Associação ainda se encontra em um processo de análise, uma vez que o projeto ainda se está em andamento. Entretanto, já se fazem notórios os avanços que os princípios autogestionários e econômicos solidários trazem para o dia-a-dia da Associação.

Assim, acredita-se que novas concepções na gestão de empreendimentos, concepções estas baseadas na autogestão e na economia solidária trazem uma mudança cultural no espaço das relações sociais de produção e de consumo, que visam além dos aspectos econômicos, práticas mais justas e solidárias.

#### Referências

CARVALHO, N. V. *Autogestão: o governo pela autonomia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CATTANI, A. D. *A Outra Economia*. Porto Alegre: Ed. Veraz Ltda, 2003.

GODOY, A.S. *Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais*. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, mai./jun. 1995.

GUERRA, A.C; OLIVEIRA, B.A.M.; ABREU, J.C.; SOUSA, L.F; *Metodologia de Incubação da ITCP/UFSJ*, I Congresso da Rede de ITCP's, Recife, PE, 2006.



- GUILLERM, A. e BOURDET, Y.** *Autogestão: mudança radical*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MANDELL, E.** *Control obrero, consejos obreros, autogestión*. 2. ed. Ciudad de México: Ediciones Era, 1977.
- MOTTA, F.C.P.** *Burocracia e autogestão: a proposta de Proudhon*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MOTTA, E. de S. M. G.** *A “Outra Economia”: um olhar etnográfico sobre a economia solidária*. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, dissertação de mestrado, 2004.
- OLIVEIRA, B.A.M.** *COPROCOL: um caso de contrapoder cooperativo?* Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG, 1996.
- PINTO, J. R. L.** *Economia Solidária: um elogio à associação em tempos de crise*. Rio de Janeiro: Museu Nacional da UFRJ, Tese de doutorado, 2004.
- SINGER, P.** *Introdução à economia solidária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SINGER, P.; SOUZA, A. R. de (Org.)**. *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Ed. Contexto. 2000.
- TONET, I.** *Em defesa do futuro*. Maceió: EDUFAL, 2005.
- YIN, R. K.** *Case study research: design and methods*. Second edition. Applied Social Research Methods Series, Volume 5, Sage Publications, 1994.